



As TIC na capacitação de docentes da Universidade do Porto para a acessibilidade e inclusão

Nuno Regadas

Novas Tecnologias na Educação – Universidade do Porto

nregadas@reit.up.pt

Alice Ribeiro

Serviço de Apoio ao Estudante com Deficiência - Universidade do Porto

malice@letras.up.pt

Resumo: As Universidades enfrentam hoje novos desafios ao lidarem com um número cada vez maior de estudantes com condição de deficiência nos seus planos curriculares. Em Portugal, as Instituições de Ensino Superior (IES) não estão preparadas, na medida em que docentes e técnicos ainda mostram dificuldades na interpretação de diretrizes de acessibilidade, um défice de experiência e formação nesta área e parecem não perceber a importância da sua ação na promoção das condições necessárias à inclusão. Este artigo pretende apresentar as conclusões da primeira iniciativa em IES portuguesas, assente nas TIC, e que visa facilitar a implementação de um curriculum inclusivo. Desenvolvemos um curso online sobre acessibilidade e inclusão e pudemos observar as dificuldades do pessoal docente e técnico no trabalho com estudantes com deficiência, mas também a sua vontade de aprender a adaptar programas e métodos de trabalho a esta nova realidade. Concluímos que novos cursos e workshops sobre esta temática devem ser desenvolvidos na Universidade do Porto de forma de alcançar um público mais diversificado, e assim conseguir uma comunidade livre de barreiras onde todos os estudantes se sentem incluídos.

Palavras-chave: Universidade Inclusiva; Acessibilidade; e-learning; TIC

Abstract: Universities face today new challenges as they have to deal with an increasing number of disabled students attending their curricula. In Portugal, Higher Education Institutions (HEI) are still not prepared, as teaching and non-teaching staff face serious difficulties interpreting accessibility guidelines, a deficit of experience and training in this area, and are not aware of the importance of their actions for the promotion of conditions required for inclusion. This paper presents the findings of the first national initiative at a Portuguese HEI, based entirely on ICT, to help



implement an inclusive curriculum. We developed an online course on accessibility and inclusion and we observed that technical and teaching staff reveal a great deal of difficulties working with disabled students, but also their will to learn how to adapt their curricula and work methods to this new reality. In conclusion, new courses and workshops on these subjects will have to be developed at the University of Oporto in order to reach a more diverse audience and thus contribute towards building a barrier-free community where all students can feel included.

Keywords: Inclusive University; Accessibility; e-learning; ICT

Resumen: Las universidades se enfrentan hoy a nuevos retos al tener que tratar con un número cada vez mayor de estudiantes con discapacidad en sus carreras. En Portugal, las Instituciones de Educación Superior (IES) no están preparadas, ya que los profesores y los técnicos todavía muestran serias dificultades para interpretar las normas de accesibilidad, tienen poca o ninguna experiencia y formación en esta área y no son conscientes de la importancia de sus acciones para estimular las condiciones necesarias a la inclusión. Este artículo revela las conclusiones de la primera iniciativa nacional en IES portuguesas, basada en las TIC, con el objetivo de facilitar la puesta en funcionamiento de un *currículum* inclusivo. Hemos desarrollado un curso on-line y hemos podido observar las dificultades de los profesores y de los técnicos en el trabajo con estudiantes con discapacidad, pero también hemos comprobado su deseo de aprender y adaptar sus programas y métodos de trabajo a esta nueva realidad. Llegamos a la conclusión de que hay que desarrollar en la U.Porto nuevos cursos y talleres sobre estos temas para llegar a un público más diversificado y caminar hacia una comunidad libre de barreras donde todos los estudiantes se puedan sentir incluidos.

Palabras clave: Universidad Inclusiva; Accesibilidad; e-learning; TIC.

Introdução

O acesso universal ao ensino superior, para além de ser um direito constitucional, é igualmente um meio privilegiado para que todos os cidadãos, incluindo as pessoas com condição de deficiência, possam atingir uma melhor integração social, profissional e realização pessoal.

A última década registou um aumento significativo do número de pessoas com necessidades educativas especiais a frequentarem o Ensino Superior, devido em parte aos esforços promovidos pelo Governo na definição de políticas de inclusão no ensino regular para estudantes com condição de deficiência.



Paralelamente, as Instituições de Ensino Superior (IES) da União Europeia (UE), impulsionadas pelo processo de Bolonha, estão a ser obrigadas a implementar um conjunto de alterações e consequentemente a fazerem um esforço de reflexão sobre o Ensino Superior no contexto atual, as suas políticas e práticas de inclusão.

Nas IES portuguesas a inclusão de Estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE) é ainda algo *novo*, sendo uma das principais barreiras a falta de informação e formação da comunidade académica para lidar com as necessidades daqueles estudantes. Dentre os elementos da comunidade académica, destacam-se os docentes pela importância que têm neste contexto, e o estarem aptos a trabalharem, numa mesma turma, com diferentes formas de aprender e ensinar.

A aprovação do Estatuto do Estudante com Necessidades Educativas Especiais (EENEE), bem como a disseminação das TIC na Universidade do Porto trouxeram novas responsabilidades mas também novas oportunidades para a inclusão dos estudantes com NEE. O EENEE introduziu um conjunto de procedimentos que visam uniformizar o tratamento do Estudante NEE na U.Porto, respondendo às necessidades específicas desses estudantes, assegurando a igualdade de oportunidades na aprendizagem e uma inclusão efetiva e com sucesso.

No entanto, é importante que as práticas concretizem efetivamente as políticas definidas e, para tal, uma das preocupações fundamentais deverá ser com a formação/informação de docentes e técnicos para que estes possam estar aptos a trabalharem com Estudantes com NEE em vários contextos, nomeadamente, em sala de aula.

Contextualização Teórica

Há atualmente um vazio legislativo em relação à inclusão de estudantes no Ensino Superior em Portugal. Para além da Constituição Portuguesa, que considera a educação como um Direito de todos os cidadãos, e uma referência a questões relacionadas com a educação na Lei 46/2006 de 28 de agosto¹, não existe qualquer enquadramento legislativo para estudantes com NEE no Ensino Superior. Dessa forma, cada IES em Portugal define as suas próprias políticas e práticas para a inclusão destes estudantes.

Num esforço conjunto de uniformização, serviços de apoio ao estudante com deficiência de diferentes Universidades formam uma comunidade de práticas (Weger,1998) - GTAEDS (Grupo de Trabalho de Apoio a Estudantes com Deficiência



no Ensino Superior), onde ideias, práticas e projetos são discutidos e desenvolvidos. Esta comunidade informal assina em 2004 um protocolo de colaboração, resultando daí a concretização de diferentes projetos, onde se destaca a Biblioteca Aberta do Ensino Superior (BAES) .

Como já foi referido, em 2008, a U.Porto aprova o Estatuto do Estudante com Deficiência ainda que anteriormente já muito trabalho tivesse sido efetuado. Em 2000, surge o Serviço de Apoio ao Estudante com Deficiência tal como existe hoje e, a partir de 2003, a U.Porto beneficia de um sistema de informação académico integrado para a administração e gestão, ensino, investigação e desenvolvimento - o SIGARRA (Sistema de Informação para a Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos) . Em 2003, é criado o gabinete de Novas Tecnologias na Educação e é efetivada a promoção das TIC no ensino. Com estes fatores a U.Porto consolidou um dos seus objetivos estratégicos:

“promover e generalizar a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em todas as suas actividades, bem como incentivar o desenvolvimento e a utilização de serviços inovadores nesta área.” (Martins.I; Correia.T, 2010)

Na nova era do ensino proporcionada pelas TIC, os docentes são “*Learning Technologists*” (Seale, Jane 2004), tendo necessidade de se concentrarem nos contextos presencial e online, recorrendo às TIC. A Acessibilidade é ainda um campo desconhecido de muitos docentes e técnicos de apoio que, neste domínio, apresentam um grande desconhecimento da Legislação Portuguesa. Todos apresentam sérias dificuldades ao interpretarem as diretrizes de acessibilidade, sentindo-se os docentes desorientados ao aperceberem-se de que têm um estudante NEE na sala de aula.

Em Portugal, a formação de docentes do ensino superior, nas áreas de Acessibilidade e inclusão, é, tanto quanto sabemos, inexistente. Os números mostram que o Universo de Estudantes NEE inscritos no Ensino Superior é ainda reduzido. Um levantamento nacional realizado em 2007, por iniciativa da DGES e do GTAEDS, reportava 816 estudantes com necessidades especiais num universo de 376 917 estudantes nesse mesmo ano, números que ajudam a explicar a ainda fraca preparação de docentes e pessoal técnico das IES nestas áreas.

Face às circunstâncias descritas e na tentativa de produzir mudanças, partindo de algumas experiências que encontramos em IES estrangeiras (EUA, Reino Unido e Brasil) , avançámos com o curso online “Acessibilidade em sala de aula” na plataforma Moodle U.Porto. Esta formação foi desenhada para ser oferecida em regime de e-learning por várias razões:



- para permitir a participação de pessoas afastadas geograficamente (o campus da U.Porto encontra-se espalhado por toda a cidade);
- pela ainda pouca importância atribuída à formação em acessibilidade e inclusão no contexto da carreira de docentes universitários, fazendo com que estes não encontrem tempo para se inscreverem e frequentarem esses cursos de formação, sendo ainda mais difícil quando as propostas de formação são presenciais;
- e ainda pelo facto desta forma possibilitar a utilização de conteúdos diversos e versáteis, permitindo equacionar a possibilidade de levar esta experiência mais além da comunidade U.Porto.

Neste artigo descrevemos esta experiência, que ocorreu na U.Porto, sobre a preparação da comunidade académica para conceitos de acessibilidade em contexto de sala de aula, experiência que consideramos um passo na direcção da construção de uma Universidade Inclusiva.

Metodologia

Os conteúdos do curso foram desenvolvidos com base na experiência de mais de uma década dedicada à acessibilidade e inclusão, aproveitando investigação de instituições internacionais mas também tirando partido de algum trabalho e experiências existentes na nossa Universidade, envolvendo assim a comunidade académica nesta iniciativa.

O curso foi desenvolvido na versão 1.9.9+ (Build: 20100728) do Moodle U.Porto e teve a duração de 20 horas, estendendo-se por três semanas, sendo dividido em sete módulos/tópicos com uma estrutura comum. Para além dos tópicos sobre deficiências, incluímos um tópico contextualizando a Acessibilidade, outro tópico dedicado às políticas de acessibilidade e inclusão da U.Porto e ainda mais um tópico de síntese com o objetivo de organizar e clarificar a informação contida nos tópicos anteriores. A estrutura do curso era então a seguinte: 1. Introdução; 2. Estudante com Necessidades Educativas Especiais (ENEE) na Universidade do Porto; 3. Deficiência visual (DV); 4. Deficiência Auditiva (DA); 5. Deficiência Motora (DM); 6. Outros casos: dificuldades de aprendizagem; 7. Conclusão e sistematização da Informação.

Cada Módulo/tópico continha uma atividade obrigatória e uma opcional. As atividades obrigatórias eram baseadas num ou mais vídeos com testemunhos ou situações específicas que envolvessem docentes ou estudantes. Após uma reflexão sobre o vídeo, registada num fórum criado para o efeito, e após o



feedback dos formadores, os formandos teriam então de comentar, noutra fórum, uma situação real já ocorrida na U.Porto - todas as identidades foram omitidas e apenas o problema e a situação foram apresentados. Por outro lado as atividades opcionais pretendiam fomentar a discussão em tópicos paralelos sobre técnicas, sugestões, experiências e ferramentas de acessibilidade a serem usadas em sala de aula, permitindo ultrapassar problemas básicos de estudantes NEE. Foi ainda acrescentado um fórum de sugestões e um inquérito de avaliação da formação, este último disponibilizado no final do curso a todos os participantes. Foram utilizados vídeos, fóruns, sessões de chat e documentos digitais no decurso deste curso, cuja tutoria ficou a cargo de dois formadores.

Os temas e materiais estavam focados no estudante NEE e nas estratégias que poderiam ser usadas para a criação de um ambiente mais inclusivo. A opção por esta linha de trabalho resultou da experiência acumulada de mais de uma década a trabalhar com docentes, estudantes com NEE e técnicos.

Esta foi a primeira iniciativa do género em Portugal a ter lugar numa IES. Embora com uma metodologia simples, assume grande importância porque nos vai permitir, finalmente, poder repensar a formação nestas áreas a partir de uma experiência concreta e não apenas de suposições, como se tinha feito até aqui.

Resultados

Os resultados mostraram-se mais interessantes do que antecipámos, a começar pelo número de inscritos - dez - um número não significativo se considerarmos o universo de docentes da Universidade. No entanto, é muito interessante se consideramos as duas anteriores tentativas de implementar um curso semelhante com dois inscritos na primeira edição e apenas um na segunda. É igualmente interessante ao analisarmos a média de frequência em cursos de formação contínua online, que se encontra no intervalo dos seis a oito participantes. Foi igualmente importante verificar a grande participação de todos os formandos durante o curso com 155 posts nos fóruns e sessões de chat muito ativas.

Observámos que os docentes que participaram neste curso estavam sensíveis e ávidos de conhecimentos que lhes permitissem criar as condições adequadas para estudantes NEE, mas tal como Burgsthaler descreve, eles mostraram:

"little experience teaching students with disabilities and little or no specific training in effective strategies for making curricula accessible to students with disabilities" (Burgsthaler, 2007).



Durante o curso observámos que, por vezes, alguns docentes consideravam condições específicas de frequência e diferentes estratégias de aprendizagem como uma vantagem injusta em relação aos demais estudantes. Por outro lado, os Docentes apresentavam resistências em mudar por receio de que tal poderia comprometer a integridade das suas Unidades Curriculares e dos cursos, algo também já descrito por Burgstahler. Para os Docentes, ficou claro que a estratégia de ensino seguida é determinante no sucesso académico de Estudantes NEE, tendo mostrado interesse na implementação de algumas mudanças nas práticas que verificaram estar incorretas ou desajustadas.

Um aspeto relevante também verificado com alguns docentes, prende-se com a influência de uma perspetiva médica da deficiência, inclusivamente, atribuindo aos médicos, que acompanham os estudantes, a responsabilidade de sugerirem as condições de frequência a adotar pelos docentes, um resultado que pensamos estar relacionado com alguma insegurança e inexperiência dos docentes nestas matérias.

Sobre a legislação nacional e políticas internas - como o Estatuto do Estudante NEE, concluímos que estas eram desconhecidas de muitos participantes, reforçando a importância de um módulo do curso sobre estas matérias. O mesmo desconhecimento se verificava em relação aos técnicos de apoio presentes em cada uma das 14 Faculdades da U.Porto. Cruzando estes resultados com a literatura existente, verificamos que este desconhecimento está de acordo com a literatura, validando os nossos resultados ao referir que:

“Postsecondary faculty and academic administrators have expressed a need for instruction regarding legal issues, disability-related accommodations, communication with students who have disabilities, and resources (...)” (Burgstahler, 2007);

Resultados do inquérito aos participantes e do fórum de sugestões mostraram que a perspetiva do curso deveria deixar de estar centrada no estudante para se centrar em conteúdos mais abrangentes como Desenho Universal de aprendizagem, contendo assim ainda mais informação complementar para a definição de estratégias de ensino adaptadas e soluções mais flexíveis nos métodos, materiais e avaliação. Este resultado é interessante por divergir das nossas suposições iniciais sobre os conteúdos e a direção do curso. Este comportamento explica-se em parte pela experiência de cada formando. Eram ou docentes de estudantes NEE; ou investigadores nas áreas de inclusão/acessibilidade; ou técnicos a trabalharem em projetos de acessibilidade ou na ajuda à docência.



Pela primeira vez, baseando-nos nesta experiência, pudémos compreender o que docentes e técnicos precisam: ferramentas e técnicas básicas, bem como informação mais abrangente e aprofundada sobre estratégias de ensino. Numa tentativa de seguir as sugestões dos nossos formandos, uma futura edição deve também ter materiais mais dirigidos ao contexto da nossa Universidade, refletindo assim a experiência ou problemas específicos dos nossos docentes, pessoal técnico e estudantes com necessidades educativas especiais no processo para alcançar uma universidade mais inclusiva.

Conclusões

Hoje, pessoal docente e não-docente é responsável por muito mais do que a transmissão de informação ou o auxílio à transmissão dessa informação. As IES enfrentam desafios decorrentes do novo paradigma de ensino/aprendizagem, com as TIC no centro dessas mudanças - principalmente em contexto de sala de aula. Acreditamos que sem formação adequada em acessibilidade, haverá um número considerável de estudantes com NEE forçados a abandonarem a Universidade, desistindo dos estudos.

O curso em regime e-learning, à partida um desafio, revelou-se um dos mais positivos aspetos desta iniciativa. Por ser totalmente online, os participantes tiveram a oportunidade de: (i) controlarem o tempo e trabalharem nas tarefas quando e onde pudessem; (ii) terem acesso permanente aos materiais do curso durante e após o término, podendo usar tantas vezes quantas quisessem e inclusivamente partilhar com colegas; (iii) terem acesso ao trabalho dos restantes elementos, o que lhes mostrou diferentes perspetivas sobre o mesmo assunto. O Moodle foi uma ferramenta essencial para aproximar os formandos, para a partilha de perspetivas, pontos de vista e opiniões, permitindo o desenvolvimento de uma comunidade pequena, mas muito entusiasta sobre estes assuntos na Universidade, que de outra forma não teria sido possível.

Esta foi uma tentativa bem sucedida para colocar diferentes atores a trabalhar na criação de um ambiente sem barreiras, promovendo a inclusão de estudantes NEE, nomeadamente as chamadas deficiências "invisíveis", mas também a inclusão de outros estudantes "diferentes" como estudantes de mobilidade, maiores de 23, entre outros.

Pensamos que esta pequena experiência poderá somar-se ao esforço que se está a fazer a nível Nacional no sentido do desenvolvimento de projetos de formação nesta área, estando a U.Porto disponível para dar o seu contributo em iniciativas emergentes.



Referências bibliográficas

- Burgstahler, Sheryl (2007). *Accessibility Training for Distance Learning Personnel*. ATHEN E-Journal Issue #2, Acesso em: 04/04/2011. Disponível em: <http://athenpro.org/node/56>
- Conselho de Ministros (2010). *ENDEF - Estratégia Nacional para a Deficiência 2011-2013*, Acesso em: 04/04/2011. Disponível em: <http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Documentos/MTSS/Endef.pdf>
- Gil, Marta (2007). *Vida em movimento [eletronic resource]: Esporte Adaptado [S.l.]*: Laramara-Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, 4 DVD-ROM + 1 leflet.
- Instituto Nacional de Estatística , baseado em dados do Ministério da Ciência Tecnologia e Ensino Superior, Acesso em: 07/04/2011. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0002739&contexto=bd&selTab=tab2
- Martins, I., & Correia, T. (2010). *Novas Tecnologias na U.PORTO: tendências, experiências e desafios*, Proceedings ECEL 2010 - 9th European Conference on e-Learning Pp.692
- Oliver, Mike (1990). *The Individual and social models of disability*. Paper presented at Joint Workshop of the Living Options Group and the Research Unit of the Royal College of Physician.
- Seale, Jane K. (2003). *Supporting the development of e-learning accessibility practices: new and emergent roles for staff developers*. In, Crisp, G, Thiele, D, Scholten, I, Barker, S and Baron, J (eds.) Interact, Integrate, Impact: Proceedings of the 20th Annual Conference of the Australasian Society for Computers in Tertiary Education, Adelaide, 7-10 Dec 2003. Adelaide, Australia, ASCILITE, Pp. 458-464.
- Seale, Jane (2004). *The development of accessibility practices in e-learning: an exploration of communities of practice*. Association for Learning Technology Journal, 12 (1). Pp. 51-63. ISSN 0968-7769.
- Seale, J. (2005). *The development of accessibility practices in e-learning: new roles for learners and teachers?*. In P. Kommers & G. Richards (Eds.), Proceedings of World Conference on Educational Multimedia, Hypermedia and Telecommunications 2005 (Pp. 4856). Chesapeake, VA: AACE.
- Seale, Jane K. (2008). *Developing e-learning experiences and practices: the importance of context*, Research in Learning Technology, 16: 1, 1 — 3.



- Universidade do Porto (2008). *Estatutos - Estudante com Necessidades Educativas Especiais da UPORTO (EENEE)*, Acesso em: 15/03/2011. Disponível em: <http://sdi.letras.up.pt/uploads/pdfs/EENEE.PDF>
- Universidade do Porto - Sobre a U.Porto - A Universidade do Porto em Números, Acesso em: 08/04/2011. Disponível em: http://sigarra.up.pt/up/WEB_BASE.GERA_PAGINA?p_pagina=122350
- University of Arkansas at Little Rock (2003). *Make a difference [Electronic resource]: Tools for Enabling Faculty to Teach Students with Disabilities*, Arkansas: Project PACE, University of Arkansas at Little Rock. 5 DVD-ROM + 4 Handbooks.
- Wenger, E. (1998). *Communities of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge, Cambridge University Press.



Notas

- ¹ "(...)a qualquer meio de compensação/apoio adequado às necessidades específicas do alunos com deficiência".
- ² Do Inglês "community of practice".
- ³ Base de dados que reúne a produção de informação acessível para o Ensino Superior de várias Unidades de Produção de IES portuguesas. Esta base está disponível para todos os estudantes do ES com dificuldades de acesso ao texto impresso.
- ⁴ Mais informação consulte portal tic.up.pt.
- ⁵ Informação recolhida do Instituto Nacional de Estatística a 7 de abril.
- ⁶ University of Arkansas at Little Rock (EUA), Instituto Brasileiro de Estudo e Investigação - AMANKAY (Brasil), Centre for Applied Special Technology - CAST (EUA) e vários estudos de autores como Jane Seale (Reino Unido).
- ⁷ Ver ponto anterior.
- ⁸ Veja Universidade do Porto - Sobre a U.Porto - A Universidade do Porto em Números, acessido a 8 abril 2011
- ⁹ Estratégia Nacional para a Deficiência - EDENF:
 - Ação 36: Criação de legislação que define as estruturas para estudantes com deficiência nas IES.
 - Ação 61: Criação de um guia para incluir o Design Universal no currícula de IES públicas e privadas;
 - Ação 62: Estruturar cursos de formação para Docentes, administrativos e técnicos de IES. Pessoal nos direitos de pessoas com deficiência;